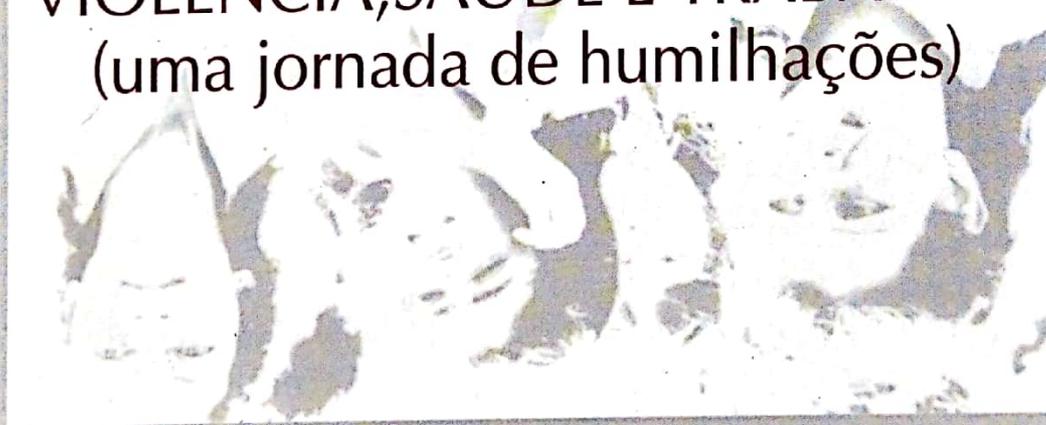




Margarida Barreto

VIOLÊNCIA, SAÚDE E TRABALHO
(uma jornada de humilhações)



Violência moral, ato covarde dos que pensam que são fortes. No Brasil, bem no centro da maior metrópole da América Latina, a médica do trabalho Doutora Margarida Barreto iniciou, no ano de 1996, um projeto de pesquisa com 2.072 trabalhadores de 97 empresas de grande, médio e pequeno porte, dos setores: químico, farmacêutico, plástico e similares, de São Paulo e região. Concluiu com uma revelação assustadora: dos trabalhadores consultados (entrevistados) 42% apresentaram histórias de humilhação e de constrangimentos. Fatos assim revelam onde a violência moral correu solta no trabalho, em várias situações, com a cumplicidade das empresas.

Sob orientação e assessoria da Doutora Margarida Barreto, foi publicado o *1º Manual sobre Assédio Moral – A violência que põe em risco sua vida.*

HIPÓTESE

Teses e Dissertações escolhidas para publicação
pelo Setor de Pós-Graduação da PUC-SP



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

175

Reitora: Anna Maria Marques Cintra

Vice-Reitor: José Eduardo Martinez

Pró-Reitora de Pós-Graduação: Maria Amalia Pie Abib Andery

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social

Coordenador: Odair Furtado

Vice-Coordenadora: Maria Cristina Gonçalves Vicentin

educ – Editora PUC-SP

Conselho Editorial: Ana Maria Rapassi, Anna Maria Marques Cintra (Presidente), Cibele Isaac Saad Rodrigues, Dino Preti, Marcelo da Rocha, Marcelo Figueiredo, Maria do Carmo Guedes, Maria Eliza Mazzilli Pereira, Maura Pardini Bicudo Vêras, Onésimo de Oliveira Cardoso.

ABEU
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



abdr
Associação Brasileira
de Direitos de Autor
Respeite o direito autor!

Barreto, Margarida Maria Silveira

Violência, saúde e trabalho: uma jornada de humilhações / Margarida Maria Silveira Barreto. – 3. reimpr. – São Paulo: EDUC, 2013.

235 p.; 23 cm. (Hipótese)

Bibliografia.

ISBN 85-283-0293-8

1. Doentes – Psicologia. 2. Doentes – Violência. 3. Humilhação. 4. Saúde – Aspectos sociais. 5. Saúde dos trabalhadores. I. Título. II. Série.

Originalmente apresentado como Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social – PUC-SP, 2000.

CDD 302

158.7

658.382

1ª edição: 2003

1ª reimpressão: 2003

2ª reimpressão: 2006

Série Hipótese dirigida por
Maria Amalia Pie Abib Andery

Direção

Miguel Wady Chaia

Produção Editorial

Sonia Montone

Preparação e Revisão

Tereza Maria Lourenço Pereira

Editoração Eletrônica

Elaine Cristine Fernandes da Silva

Waldir Alves

Capa

Sara Rosa

Realização: Waldir Antonio Alves

Ilustração: Foto com reprodução autorizada pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas, Farmacêuticas, Plásticas e Similares de São Paulo e Região.

Administração e Vendas

Ronaldo Decicino

educ

Rua Monte Alegre, 984 – Sala S16

CEP 05014-901 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3670-8085 e 3670-8558

E-mail: educ@pucsp.br – Site: www.pucsp.br/educ

Trabalhei cuidadosamente para não ridicularizar, lamentar ou execrar as ações humanas, mas para compreendê-las; e para isso considerei as paixões... não como vícios da natureza humana, mas como propriedades, tão pertinentes a ela como o calor, o frio, a tempestade e o raio o são para a natureza da atmosfera.

(Espinosa, *Tratado teológico-político*, 1986)

Soltos, como pó!

Como operário eu era gente, era alguém.

Não vivia ao vento,

Já não era só eu, estava feliz.

Tinha raízes, não era pó.

Estava na fábrica, de macacão, crachá e com esperanças no peito.

Mas a crise... a reestruturação... os setores que fecharam,

as funções que desapareceram, os colegas demitidos,

Outras terras, nossa sina,

novas lágrimas, outras esquinas.

Tempos de desagregação e desatinos.

No recomeçar da empresa, nossos sonhos incompreendidos.

E, dia após dia, a produção foi comendo nossas vidas.

As máquinas, moendo nossos sonhos.

A competição, transformando-nos em inimigos.

No silêncio competitivo, somos humilhados, desqualificados.

No recomeçar da vida, a rádio-peão anuncia que um adoeceu,

o outro morreu e mais um desapareceu.

Meu peito, de tanto sofrimento é um laço, um nó.

Estamos perdidos, lançados ao vento, num redemoinho de areia.

Somos muitos, cada vez mais, sem raízes. Soltos. Como pó.

Julio Tavares

APRESENTAÇÃO

A saúde na fronteira entre virtude privada e virtude pública

A grandeza de um texto científico é medida, de um lado, por sua capacidade de abrir clareiras e de introduzir desafios críticos à academia, à ciência e à sociedade, e, de outro lado, por seu rigor teórico-metodológico. Essas duas qualidades marcam o presente livro, que é a versão original de uma dissertação de mestrado selecionada pela Comissão Geral do Pós-Graduação da PUC-SP como uma das melhores do ano 2000 e, por isso, premiada com a sua publicação na Coleção Hipótese.

O livro dialoga com a medicina e a sociologia do trabalho, e também com a psicologia social, instigando-as a rever suas próprias concepções e práticas em relação à saúde do trabalhador por meio da reflexão interdisciplinar.

Sua autora é médica humanista no velho estilo, um espírito apaixonado para o qual é impossível impor fronteiras entre o engajamento intelectual, o profissional e o político, assim como lhe é insuportável a frieza do diagnóstico e do tratamento médico. Esses princípios e sentimentos levaram Margarida a cursar o mestrado em Psicologia Social da PUC-SP e a participar do Núcleo de Estudos da Dialética Exclusão/Inclusão – Nexin.

A pesquisa, realizada inicialmente com o objetivo de analisar os sentidos da saúde e da doença contidos na queixa dos trabalhadores

que procuram o serviço médico de um sindicato, depara com um brado de sofrimento mais forte que todas as outras dores – a humilhação –, obrigando-a a alterar seu foco analítico para incorporar a análise dessa emoção. E só ganha com essa opção. A humilhação revela-se um microcosmo da dimensão ético-política da saúde do trabalhador, uma poderosa mediação da transversão entre as condições sociais e a relação saúde–doença. A constatação de que ela é patogênica permite penetrar naquilo que é mais humano, vivo e pulsante do trabalho e da relação saúde–doença, bem como revelar seus riscos invisíveis.

Quando somos dominados constantemente pelo medo, vergonha, humilhação, culpa, tristeza, raiva, enfim, por sentimentos tristes, nossa biologia muda. A dor física, mesclada ao sofrimento, que tem sua origem no contexto social excludente, agudiza e prolonga a doença.

Esta é a contribuição teórica mais substantiva do presente livro: evidenciar que a vida psíquica e o funcionamento fisiológico não só constituem uma unidade, como estão inscritos na história das sociedades. Portanto, a saúde não pode ser pensada somente nos planos biológico ou psicológico, ou ainda na relação entre eles, mas tem que ser analisada na sua dimensão política e ética.

Alguém pode refutar dizendo que esta constatação não é novidade, na medida em que as ciências da saúde já aceitam a influência do social, da ética e da subjetividade no funcionamento biológico. Isso é verdade. Mas não basta contemplar essas dimensões e continuar inscrevendo-as na categoria de “fatores ambientais”, que tanto podem ser agentes bacteriológicos e microorgânicos quanto agentes psicossociais e culturais, como se todos tivessem efeitos patogênicos análogos.

É preciso mudar a ontologia da saúde, tirando-a do estado da natureza para inseri-la na condição humana, como um processo transubstantivo da dimensão subjetiva, objetiva (sociedade e corpo) e ética. Encarar saúde como virtude pública e virtude privada, conforme afirma Margarida, significa conceituá-la como tudo o que aumenta o único fundamento da virtude, que é a capacidade de agir em prol da manu-

tenção do próprio ser. Em outras palavras, significa conceituar saúde como potência de ação e o processo saúde-doença como o movimento de maior e menor vitalidade, que nos afasta ou aproxima da morte (biológica ou psicossocial).

Os primeiros capítulos apresentam os debates que marcam a história das idéias referentes aos três temas centrais do livro: saúde, emoção e trabalho. Trata-se de uma empreitada interdisciplinar, confiável e generosa, que leva o leitor a uma fascinante viagem pela filosofia, sociologia, psicologia e medicina, passando pela dimensão ética da saúde, já preconizada por Hipócrates, pela biologizante da modernidade, até as práticas de saúde perfeita do neoliberalismo; indo do dualismo corpo-máquina/corpo-alma proposto por Descartes à filosofia monista de Espinosa; da emoção antagônica à ética até a concepção espinosana de ética imanente às emoções. Aos poucos, vamos entendendo por que, dentre todos, Margarida elege dois pensadores como referência de suas análises: o filósofo da alegria, Espinosa, e seu ardoroso admirador, o psicólogo marxista Vygotsky. Ambos concebem corpo e alma, pensamento e emoção como unidade indissociável, e fornecem instrumental teórico-conceitual para eliminar a conjunção "e" bem como o hífen que se convencionou usar para justapor essas palavras supostamente separadas, tanto nas reflexões sociológicas, psicológicas, quanto nas da área médica.

No livro, encontramos algumas das mais representativas frases dessa concepção: "As afecções do corpo são idéias da alma"; "O desejo na alma é a consciência do apetite do corpo"; "A mudança na vitalidade física é uma mudança na vitalidade mental" – e outras mais, recolhidas ao longo da história, como a concepção predominante na Grécia antiga de que saúde é simetria entre corpo, alma e sociedade.

À medida que se avança na leitura tanto dos capítulos teóricos e filosóficos quanto dos que analisam os dados, somos instigados a ir além das reflexões da autora. No meu caso, ocorreu-me indagar se a palavra "psicossomática" não seria redundante e se a concepção correqueira na medicina – de que uma questão de saúde é psicológica – não seria aceita apenas quando não são reconhecidas as causas físicas e

biológicas que a justifiquem. Como psicóloga social, comecei a me preocupar com a explicação comum, por parte da psicologia, de que uma doença é psicossomática quando o sofrimento mental, por falha da linguagem e ato do inconsciente, passa a manifestar-se corporalmente. Nas três concepções, a emoção aparece como variável que contingencialmente afeta a saúde, sempre pela negatividade e não como um elemento que a constitui.

E mais, ao acompanhar a argumentação da autora de que psique e soma não são apenas indissociáveis, mas também fenômenos ético-políticos, somos tentados, por exemplo, a elucubrar sobre as formas de afetação da saúde pela moralidade do capital, e, de transversão, entre as dialéticas exclusão/inclusão no trabalho e saúde/doença.

Mas as críticas, que ela estimula, não param aí. Margarida não nos dá trégua, abre nossos olhos para um vírus insidioso, que corrompe o biológico e gera mais sofrimento do que as alterações provocadas por microorganismos e bactérias: a violência e o assédio moral.

Esse é o segundo aspecto do livro que vale ressaltar. Ao abrir clareiras teóricas e epistemológicas à compreensão da relação saúde-doença, por meio da análise da humilhação, Margarida dá visibilidade e nome a uma forma sutil de violência criminosa contra o cidadão, um ato tão vivo e poderoso, mas não mensurável e visível “a olho nu”, ainda não previsto por lei nem reconhecido socialmente, muitas vezes vivido como o único modo possível de inclusão social e de ser no mundo.

A repercussão social já alcançada pela divulgação dos resultados deste trabalho demonstra a sua pertinência social e histórica. Até maio de 2002, oitenta projetos nacionais sobre assédio e/ou violência moral foram elaborados e tramitam em câmaras legislativas municipais, estaduais e federal, grande parte deles inspirados na presente obra.

“A violência se concretiza em intimidações, ironias, menosprezo e humilhação do ‘transgressor’ diante de todos, como forma de impor controle e manter a ordem.” Para enxergar esse ato criminoso, foi preciso mudar de paradigma, conforme já foi dito, e utilizar instrumentos de prospecção de grande sensibilidade aos valores humanos, como fez

a médica-psicóloga social criando o que denominou de “conversa clínica prolongada”. Trata-se de uma estratégia de escuta da queixa focalizada no sujeito e não na doença, na afetividade e não nas palavras, o que permite a emergência de “conversas emocionadas” sobre as diferentes formas de afecções do corpo no dia-a-dia do trabalhador e facilita a compreensão do subtexto da queixa.

Mais do que reclamações de dor física, o que emergiu com muita força e constância foi a reclamação da humilhação, de constrangimentos, desqualificações e vergonha sofridos na empresa, por ação de chefias, colegas e de profissionais dos serviços médicos, desde o momento em que o trabalhador começa a sentir os sintomas de uma doença, muitas vezes provocada pelas condições de trabalho. Um tal sofrimento é agravado por sua ocultação, tanto por meio de sua naturalização como de sua trivialização – ou ainda por culpabilização, solidão, medo e vergonha –, gerando um processo que oculta e naturaliza a opressão, de modo que a vítima acaba arcando com a culpa.

(...) Assistir à humilhação do outro desperta o medo... O resultado é nefasto para todos os trabalhadores, pois representa “dor” para o humilhado e o medo para o coletivo.

Pode-se então definir “a conversa clínica prolongada” como o momento em que o sofrimento humano é traduzido em “sofrimento-feito-pelo-homem”, pela maneira como se é afetado pelo outro.

(...) tornei-me testemunha das necessidades colocadas e que alcançaram sua epifania em palavras, gestos e expressões singulares. (...) transformando-os (...). Tem-se um momento de ascensão e rompimento com o conflito estabelecido, em que o desejo se impõe como força capaz de agir não somente em si, mas para si e para os outros.

Mas Margarida não se contenta apenas em desvelar o sofrimento do trabalhador e a sua contrapartida, a violência moral. Ela vai além do texto, ultrapassa-o. É admirável a sua generosidade, sua disponibilidade e disposição para assumir causas ético-políticas candentes

de seu momento histórico. Impressiona a sua coerência como médica, pesquisadora e cidadã. Mostra-se incansável para transformar sua pesquisa em saber militante, respondendo a todos os inúmeros convites para debates, entrevistas e palestras (em média três por semana), que recebe por parte da mídia, de sindicatos, associações e demais movimentos sociais organizados, promovendo assim bons encontros espinozanos, potencializadores da saúde. Por isso seu texto nos redime e nos oprime, ao mesmo tempo.

Ela conhece muito bem e nos carrega consigo para sentir a opressão, a injustiça e a desigualdade que se sintetizam na saúde do trabalhador; e nos mostra como esta síntese é vivida como sentimentos tristes e assassinos da potência. Mas Margarida não cai no ressentimento ou em lamúrias. Sua práxis é otimista, um otimismo ontológico que também nos afeta.

Ao mesmo tempo em que encontramos a humilhação e o medo no subtexto da doença e na sua face social de impotência e violência, cavando mais encontramos a ontologia da saúde no desejo de ser feliz, o que significa pensar a emancipação como seu fundamento e incorporar a liberdade como seu pressuposto: "Saúde é tudo o que aumenta o único fundamento da virtude, que é a capacidade de agir em prol da manutenção do próprio ser".

Nessa perspectiva, a expressão mais correta para designar a práxis em saúde não é nem prevenção nem promoção, mas potencialização, que demanda ações no plano biológico, subjetivo, social e ético, transformando figuras eliminadas da saúde do trabalhador em espaços e estratégias privilegiadas de ação, como a felicidade pessoal e pública, como a liberdade íntima e social.

Esta concepção de saúde cai como uma luva para combater a banalização do mal e o vale-tudo da retórica ética dominante no neoliberalismo pós-moderno, em que valores e princípios humanistas perderam a força reguladora no embate com a lógica instrumental e mercantil, permitindo pactos de coexistência pacífica entre diferentes profissionais da saúde e do trabalho na busca do "bom humor *full time*" e da auto-estima, por força única e exclusiva do sujeito.

Por isso tudo, Margarida, tenho a lhe dizer que foi uma honra escrever este prefácio e um orgulho ter orientado sua dissertação. Em nome do Nexin eu lhe agradeço por assegurar nossas idéias na análise da saúde, e, como cidadã, fico feliz em aprender a desvendar, ao lado da dominação, a potência para a liberdade e a felicidade, sem cair porém no solipcismo ou na estetização da desigualdade social, e sem tirar a responsabilidade do Estado por nossa “feliz saúde”.

Bader Burihan Sawaia
PUC-SP

A partir do Seminário Internacional de lançamento da cartilha, a discussão pegou para valer: trabalhadores de vários outros ramos de atividade, pessoas que nunca tinham ouvido falar sobre assédio moral, mas que sofriam algum tipo de constrangimento no trabalho, identificaram-se com o diagnóstico da gestão perversa. Daí para a frente, estava criada uma nova ferramenta para orientar o/a trabalhador/a sobre como identificar as mais variadas formas e práticas de assédio moral no trabalho.

"Dra. Margarida, os trabalhadores e as trabalhadoras de São Paulo, do Brasil e do Mundo te aplaudem de pé por esse maravilhoso trabalho."

Oswaldo S. Bezerra

Diretor do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Química, Farmacêutica, Plástico e Similares de São Paulo e Região, desde 1998.

Coordenador na Secretaria de Saúde, Segurança, Meio Ambiente e Cidadania da Confederação Nacional do Ramo Químico (CNRQ-CUT).

Duas qualidades fundamentais à grandeza de um texto científico marcam este livro: o rigor teórico-metodológico e a capacidade de abrir clareiras e introduzir desafios críticos à academia, à ciência e à sociedade. A autora dialoga com a medicina e a sociologia do trabalho, e, igualmente, com a psicologia social, instigando a revisão de suas próprias concepções e práticas relativas à saúde do trabalhador por meio da reflexão interdisciplinar. Enfatiza a unidade da vida psíquica e do funcionamento fisiológico, bem como sua inscrição na história das sociedades; ressalta também a necessidade de se pensar a saúde não só nos planos biológico ou psicológico – ou, ainda, na relação entre eles –, mas na sua dimensão ética e política. Neste livro, encontramos a humilhação e o medo no subtexto da doença e na sua face social de impotência e violência, assim como a ontologia da saúde no desejo de ser feliz, o que significa pensar a emancipação como seu fundamento e, como seu pressuposto, a liberdade.

Bader Burihan Sawaia

